

## Luís do rego

Luís do Rego nasceu em Erechim, Rio Grande do Sul, em 1925. Menino ainda ingressou no Juvenato dos Irmãos Maristas, e como religioso chamava-se Irmão Roberto Teódulo (Irmão Robertinho, como era chamado na intimidade pelos confrades de hábito). Foi professor em Lajeado, Rio Grande e Porto Alegre, no Colégio N. S.<sup>a</sup> do Rosário.

Licenciou-se em Letras Clássicas pela antiga Faculdade de Filosofia, hoje Instituto de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Publicou várias obras de cunho didático, e colaborou em publicações internas do Colégio N. S.<sup>a</sup> do Rosário e na revista *Ideal*.

De família chamava-se Brasileiro Facin.

Quando o médico lhe declarou que estava atacado de leucemia e que lhe restariam três meses de vida (sic!) e com tratamento, pouco mais de um ano (sic), profundo foi o abalo que ele sofreu, mas aproveitou para viver mais religiosamente seus últimos dias, e pôs em ordem vários escritos, preparando-se com toda a dramaticidade para a viagem sem retorno.

Embarcou, depois, para os Estados Unidos, seguindo intenso tratamento no Memorial Hospital de Nova Iorque. Dramática a correspondência entretida com vários de seus confrades, nesses últimos dias. Faleceu em Nova Iorque em 1955.

OBRAS: *Pastor e Pai*, *Epiifania Mariana*, *Arca da Aliança*, *Lívrio*, *Violeta*, *Sarça Ardente*, *Rosa Mística* (obras de Mariologia), *Teoria Completa da Música*, *Manual de Canto Orfeônico* (livros didáticos), *Porta do Céu* (seu último livro, versando Mariologia). Inúmeras poesias, muitas delas inéditas, outras publicadas em revista.

Entre seus escritos encontramos o poemeto que agora publicamos, intitulado "Os Brasis".

No fim do escrito declara que foi composto num só jato, na primeira semana de agosto de 1946.

## OS BRASIS

### I

Rompei-vos, pétreas grimpas altaneiras,  
Pontões alcantilados e ladeiras  
Dos íngremes maciços que esses ares  
Varejam, atalaias seculares,  
Buscando se embeber no céu anil!  
Rasgai o vosso seio, ó terras do Brasil!  
Redai a nossos olhos as ocaras,  
As enfumadas bélicas caixaras  
Dos brônzeos íncolas brasis, que outrora  
Nas matas irrompiam desde a aurora  
Ao pôr do sol em nosso céu radiante!  
Redai a nossos olhos um instante  
Rever o canitar e a tangapema,  
As festas do cauim, a glória extrema  
Das lutas e conquistas e os ruídos  
Das tabas que já são de tempos idos!  
Queremos reviver em nossa história  
Os brados altanados de vitória,  
Vagidos de epopéia e de heroísmo,  
Rugidos de selvagem patriotismo  
Que encheram nossos vales e florestas,  
O sangue que fumou na morte destas  
Cabildas, que já foram e não são  
Porque não toleraram servidão!

E vós, ó rios imensos, que rolais  
Em catadupas brancas as caudais,  
Detende vosso curso no sertão adusto  
E devolvei-nos o tupi robusto  
Que outrora vossas ondas apartara  
A tripular veloz a sua igara  
E em vossas águas tão feliz se fez  
Em horas de ruidosas poracês!

Redai-nos as ossadas de igaçabas  
Suspensas nos solares dessas tabas  
Que a morte em sopro gélido varreu!  
Ó tempo, aqui suspende o curso teu.  
Devolve-nos o íncola que a clava,  
E a lança e a flecha as matas varejava,  
No rastro do tapir e do veado,  
Nação tupi de corpo bronzeado  
Que ao céu erguia punhos sem cadeias,  
E sem grilhões nas túrgidas areias,  
Que sonham o marulho do oceano  
Ao escaminho do sertão insano  
Gravou com as pisadas seu vigor,  
O sangue das vitórias e da dor!

### II

Não correm mais impérvios matagais  
Da terra brasileira os naturais,  
Da onça ou do tapir batendo a pista,  
Tampouco nas encostas inda avista  
Quem cruza pelas serras altaneiras  
O brilho tremulante das fogueiras  
Que do íncola agourento iluminava  
O sono com a luz mortíça e flava.  
Não silva mais a seta em nossos ares,  
Não cruzam mais pirogas nossos mares,  
Porque não mais existe o enduape,  
O índio em canitar e de tacape!  
Nas matas em que outrora combatia  
A taba contra a taba numa orgia  
De sangue e de massacres, a pantera  
Habita nos destroços da tapera.  
Sabei porém que à chuva e à ventania  
Esparsas pela augusta serra,  
Dormindo ao murmurar das cachoeiras,

Na relva das campinas brasileiras  
Alvejam as carcaças descarnadas  
Dos filhos dessas tribos massacradas  
Que um dia o nosso solo senboris  
Pisavam, raça nobre, boa e feliz!  
Não mais as horas de triunfo e paz  
Ao som dos sacrossantos maracás,  
Os sonhos agoureiros e pressagos,  
A maga nostalgia em outros pagos!  
Rolaram essas crenças e esses povos!  
O evento atroz dos nossos tempos novos  
Vibrou cruel a foice, e hoje em dia  
Mal resta no folclore, só e fria,  
A lenda duma raça ardente e forte,  
Que tão-somente após a luta e a morte  
Se viu que era digna de viver!  
Irrrompe nova aurora a novo dia...  
Sublime luz a mata me irradia,  
Dos píncaros de ferro e de granito!  
Não mais serás, indígena, maldito...  
Caiu a treva da maldade nova,  
Coagula sangue apodrecido à prova,  
Farelos e migalhas das nações!

Voltai, ó gentes de mil e quinhentos,  
Indígenas heróicos do Brasil,  
Que no evolver de tempos tão odientos  
Sereis modelos às gentes de dois mil!

### III

Um dia o mar de bojo cristalino  
Emerge uma fantástica visão:  
Na auréola de vapores do nascente  
Há monstros que se geram de repente,  
Imensas asas ao bojar impando,

Abertos rijos braços sustentando  
Um cipóal cerrado de cordame  
Pendente sobre o mar que espuma e brame!  
Que querem esses pássaros em bando,  
Imensos, sobre as vagas balouçando  
Quais sonhos agourentos a desgraça,  
Abutres cujo bando negro passa,  
Sinistro agitador de sonhos tantos  
Dos incolos brasis? Que quer? Que traz  
Nos ventres monstruosos? A que vem  
O bando de avantesmas? Busca a quem?  
Nos túrgidos antrais daqueles panos  
Dois símbolos luziam soberanos:  
Casava-se o brasão das lusas quinas  
À cruz  
A mais divina das armas divinas!  
E quando a noite enegreceu o mundo  
Sumiu-se o adventício mas no fundo  
O céu dos trópicos com viva luz  
Do escudo luso havia copiado a cruz...

### IV

E a lusa caravela busca a praia.  
Ali, na areia branca em que desmaia  
Ceruleo mar em plangitiva queixa  
E umedecida com seu pranto a deixa,  
O incola brasil silente e quedo  
Os lusos aguardou sob o arvoredado...  
Rumor do mar, das armas... praia cheia,  
Aos olhos do aborigine se alteia,  
Serena, da conquista precursora,  
A cruz de Cristo, a eterna vencedora.  
E então...  
Aos olhos dos que o mar havia dado,  
Um velho indígena surgiu bronzeado,

Das mãos com uma o céu mostrando  
Ao mesmo tempo que acenava à cruz.  
Aquilo que ele disse o luso bando  
Não pôde compreender. Talvez diria  
No linguajar tupi, que nela um dia  
Morrera um Deus... quiçá Jesus...  
Índigena brasil, profeta dessas gentes,  
Arcanjo anunciador dos céus ardentes,  
Bronzeado do clima tropical, venero  
O vulto teu que surge além, sincero,  
Nas brumas do nascer de nossa história!  
Lendário vulto, a raça transitória  
Nos musculosos braços teus venero  
Resumida! Não, já não mais persiste  
Teu povo vagabundo, heróico, triste!  
Não mais na serra escura a rocha ecoa  
Os cantos dessa gente forte e boa!  
O povo que no braço armazenava  
A força da pantera altiva e brava,  
No peito o tom dolente e as toadas  
Que baixam do alto céu pelas caladas  
Das noites tropicais. E em cujo idioma  
Soava a mesma nostalgia que toma  
O canto do sabiá. Não mais habita  
À sombra da palmeira a raça invital  
Mas tu indígena de quem o nome  
Nas brumas do passado esvai-se e some,  
Que aponta misterioso aos naturais  
O céu azul — não morrerás jamais!  
O vórtice voraz do tempo engole  
Os povos, as nações, do mundo a mole,  
Porém escapa ileso ao escarcéu  
O braço que viveu mostrando o céu!

Retorna, ó índio de mil e quinhentos,  
Heróico indígena do Brasil  
Que no evolverem tempos tão odientos  
Dirás do céu às gentes de dois mil!

V

Ao som dos glaucos mares ululantes,  
Picados pelos sóis e rutilantes,  
Em meio da cerrada mata-ria  
O branco edificou morada um dia.  
Seu ferro destroçou o talo esguio  
Dos buritis. Selvático despiu  
A praia verde dos verdes cocares,  
Alegres, a acenar aos verdes mares!  
Fugiu a arisca e meiga juriti  
Que vinha contemplando o mar dali.  
Sacrílegas violaram as sapatas  
De ferro ensangüentando nossas matas.  
Escalavraram tímidos lençóis  
De areia amorenada a nossos sóis!  
Depois o branco olhou rapaz, dali  
Os montes de granito do tupi...  
Que quer? Que busca na insaciável sanha?  
O sopro da ambição, eis, o arrebanha,  
Lá pisa sobranceira sua sapata,  
Tilinta sua espada, irrompe e mata!...  
Caudal de sangue e atro crime  
Já prende e agrilhoa, fere e oprime!  
Nas mãos aperta a tocha comburento,  
Que prenhe de discórdias de repente  
Deflagra contagiando toda aldeia,  
Voraz espoca, o incêndio enorme ateia!  
Os fogos das selvagens almenaras  
Aos poucos arrefecem nas ocaras,  
E tinem os grilhões, soluça e geme  
O índio exposto à servidão extreme...  
Senhor, por que é que fuma assim ardendo  
A serra dos tupis no incêndio borrendo?  
Perdeu a brava gente seu tacape  
Que assim em pânico decaía e escape?

Pois, onde as setas dos tupis da aljava  
A quem a terra em matas se entregava,  
A força que o tapir ou que a pantera  
Jamais vencer ou ter em par pudera?

Meu Deus, que sanha arrouba o homem branco,  
Que infernos lhe coagem tal arranco,  
Diabólico e tenaz, satânico e violento,  
Que não se apieda com nenhum lamento,  
Feroz e sanguinário e homicida  
Sanbudo a reclamar os bens e a vida!

Cegou-o a ambição que não tem norma,  
Cegou-o a ambição que o bem deforma,  
A sede do metal, cruel, voraz,  
Que o anjo até transmuda em Satanás!  
Frenético, na mente bole e escalda,  
O sonho decantado da esmeralda,  
A serra rutilante, a obsessão  
Que arrasta as caravanas ao sertão!  
E o índio das montanhas brasileiras  
Sentiu-se propelir pelas bandeiras...  
Escravo, deu os pés de peregrino  
Aos cardos do estradar de seu destino,  
Confiou seu punho ao ferro das algemas,  
Seus ombros deu às lides mais extremas  
Premeu a vida em rolos de moendas,  
Suor verteu em glebas de fazendas,  
Ao látego gemeu do garimpeiro...  
Sofreu, calou o índio brasileiro!

Senhor, reevoca de mil e quinhentos  
O mártir aborígine brasil,  
Que no evolverem tempos tão odientos  
Será modelo às gentes de dois mil!

## VI

E o branco prosseguindo ao índio disse:  
"A terra que mimou-te a meninice,  
Agora é minha, e a vida que ela estua!"  
E o índio disse a soluçar: "É tua!"  
"São meus também os antros da floresta,  
E o verde que em seus ramos manifesta,  
E o pássaro, e o tapir que dela vêm!"  
E o índio replicou: "É teu também!"  
"É meu o oiro que resfulge ardente  
Reflexos sob as águas da torrente.  
É minha a prata e todo o seu valor!"  
E o índio retrucou: "Serás senhor!"  
"É minha a terra imensa do Eldorado,  
O reino misterioso e decantado  
Que eleva a rocha de esmeralda em serra!"  
E o índio retrucou: "É tua a terra!"  
"São minhas essas tabas, e as embiras,  
E a piroga, e as setas com que atiras,  
E o piri que os rios sonda e vareja!"  
E o índio redargüiu: "Tua, assim seja!"  
"Mas quero mais. A caça não apenas,  
Pois quero teu cocar de rubras penas,  
Teu enduape e as talhas do cauim!"  
E o outro inda repôs: "Pois seja assim!"  
"A religião que tens não mais terás.  
Estala contra a rocha os maracás.  
Daqui por diante já serás cristão!"  
E o índio concedeu sem mais: "Pois não!"  
"E agora meu também de ti ser há de  
A esposa, o filho e tua liberdade.  
Serás escravo como os animais!"  
E o índio então rugiu: "Jamais! Jamais!  
Jamais, ó branco! O índio nasce livre!  
Não há poder que a norma lhe desfibre.  
A terra é tua, sangue de tiranos!"

O ouro é teu, ganância de vesanos!  
O índio brasileiro é filho desses ares,  
Criou-se sobre a espuma desses mares.  
Jamais, jamais tiranos vingarão  
Pear-lhe os pés na vil escravidão!  
Do luso não terei cobarde o nome.  
A terra, e a taba e o rio me tome;  
Da raça dos brasis, porém, encontra a clava  
Que antes quer ser rota do que escrava!"  
Rompei-vos sepulturas do tupi,  
Heróis de Pindorama, ressurgi!  
Alarma, ó gentes de mil e quinhentos!  
Alarma, gentes livres do Brasil!  
Sibilem os borés aos quatro ventos,  
Que a voz nos ouça a gente de dois mil!

## VII

E o branco prosseguiu: "Ó índio, escuta.  
Convém sopites a natura bruta.  
Loucura o que somente em ti persiste  
Sustendo a lança da batalha em riste.  
Teu grito quebra além a dura pedra  
Da serra em que só o cardo nasce e medra.  
Sou forte e tenho meios. Minha lança  
Rompeu a serra e muito além alcança.  
Não vês que é louco o resistir, não vês  
Que em pó se esvai tamanha intrepidez?  
Quem vai livrar-te das algemas, se  
Eu as cerrar nos punhos teus, tupi?  
Não pode a flecha com a carabina!  
O embate irresistível te fulmina  
E o ferro das espadas lusitanas  
Não teme das selvagens durindanas!  
O teu cocar de variegadas penas  
Dar sombra pode e adorno à fronte apenas."

A vastidão do teu peito desnudo  
Da minha espada rasga o gume agudo.  
Teu grito estulto é cântico de morte  
Que bem mereceria mais justa sorte.  
E teu valor, e tua valentia  
Um outro escopo bem mereceria.  
Não vês que pouco ou nada mais adianta  
Ardor tamanho de comoção tanta?  
Que o vozerio todo, o alardear  
Não passam de braçadas vãs ao ar?"

E o índio retorquiu: "Em vão, ó branco,  
Intentas sopear meu bravo arranco!  
— Morrer em liberdade, à vida escrava —  
Foi lema que meus sonhos embalava  
Na minha infância e bem com esses nós  
Prendi-me à geração de meus avós!  
São rudes os meus arcos, mas o forte  
Não olha se é pra dar ou ter a morte,  
Se quer ser livre, ele e a pátria amada.  
Ao lado disso tudo, o mais é nada.  
Senão Tupá um outro deus não tem  
O índio, e outra lei que a lei do bem.  
Nos meus robustos braços vive e luta  
A terra brasileira livre e bruta.  
Pois o arco, e a embira e a seta ervada  
Busquei-as na floresta mais cerrada.  
No cimo da montanha nevoenta  
Lasquei da lança a ponta virulenta.  
Dos imos do oceano o tubarão  
Mandou-me os dentes que na aljava estão.  
O mar jogou punhados de conchinhas  
Na areia e delas fiz os meus colares.  
Despiram a plumagem avezinhas  
Com que teci variados canitares.  
Verás, vil estrangeiro, a tangapema  
Vibrar terrível, sibilar a seta.

E quero ver só um teu que mais não trema  
Que pise o chão com alma em paz e quieta!  
Aceito o arrogante desafio.  
Farei cobrir de igaras todo o rio.  
Detrás de cada tronco da floresta  
Terás um filho meu e em cada fresta  
Da folhagem, verás surgir terrível  
Na flecha do tupi tiro infalível."

Alarma, ó gente de mil e quinhentos.  
Alarma, gentes livres do Brasil.  
Sibilem os borés aos quatro ventos!  
Que a voz nos ouça a gente de dois mil!

### VIII

E o branco retornou a suas aldeias.  
Estrênuo labutou três luas cheias  
As forjas retinindo. Sobre a incude  
Moldou furioso o ardente ferro rude.  
O gume das espadas aguçando  
Cantava um canto atroz de vez em quando:

"Selvagem bruto e idiota que por plagas  
Longínquas, como besta inculto vagas,  
Bem vejo, não tens alma que palpita  
Criada a fim de ter glória infinita.  
Não queres ser escravo: morrerás.  
Farei em migas os teus maracás.  
Darei a chama à palha das cabanas,  
E sobre sangue as armas lusitanas  
Hão de cantar, ovantes, triunfais  
Na hora em que não existirem mais  
Tuas legiões. Porque jurei-te a morte,  
Joguei os dados vis de tua sorte.  
E cego, à desventura desse fado

Irás fugindo louco e tresmalbado  
Rasgando os pés na rocha pontiaguda  
Em vão bradando por Tupá que acuda.  
A vida, índio, vê que não se joga  
Assim como tu moves a piroga!  
Manter tal posição que é falsa e injusta  
A taba, a esposa, o filho e o sangue custa.  
Terás em teus quadris sanguissedenta  
De minha espada a ponta aguda, lenta,  
As carnes bronzeadas penetrar-te  
Sem dar-te couro e paz alguma parte.  
Verás teu campo escalavrado, o aipim  
Com que fermentas festival cauim  
Talado. Então, chorando a triste sorte,  
Lutando por furtar-te à fera morte  
Teu pranto rolará na cinza quente  
Do que te fora taba antigamente,  
Da raça americana persistindo  
A dor, a cinza e o pranto injindo.  
Verás o forte arcando sob o jugo,  
Teu filho sob o látego verdugo,  
E as filhas a servirem-me de escravas  
Na terra em que senhor antes pisavas!  
E tu maldita raça desumana,  
E cega, e maltrapilha, e nu vagando,  
Irás por séculos em forma andando  
Qual verme à minha sombra soberana!"

À morte as gentes de mil e quinhentos  
À morte a raça bruta do Brasil!  
Famfarras atroai aos quatro ventos,  
Nos ouça o grito a gente de dois-mil!

### IX

No entanto o índio ruma triste à taba,  
Na hora enlanguesciente em que se acaba  
O dia. Atrás dos leques do coqueiro

O sol procura o oeste brasileiro.  
Das matas no recesso então se escuta  
A voz do alado vate, do sabiá.  
A esposa do tupi deixa a labuta  
Da gleba em que a plantar o milho está.  
À pista do preá os tupizinhos  
Inundam buliçosos os caminhos,  
Ou correm palpitantes e joviais  
Saudar, com festas de inocentes os pais.  
Na oca o índio à rede se reclina.  
A esposa traz, doçura peregrina,  
O favo que roubou quando tornava,  
Ao topo carrasquento, à rama brava.  
De noite, viva acende-se a fogueira,  
Reclina-se ao redor a prole inteira.

"Moema, a nuvem negra do homem branco  
Toldou o nosso céu de modo franco.  
A terra que até agora possuímos  
Que foi o nosso berço, em cujos imos  
Repousam funerais igaçabas  
Daqueles que fundaram nossas tabas,  
O céu, o bosque, o fogo, a flecha, a choça,  
Por pouco tempo, creio, será nossa.  
O branco quer escrava nossa raça,  
Escrava que ao avaro satisfaça...  
Os filhos quer levar a suas moradas,  
Quer ver as nossas filhas ultrajadas...  
Jurei velar por nós, por mim, por ti,  
Jurei viver tupi, morrer tupi!...

(Longo silêncio)

Apronta minbas armas, minba lança,  
A clava que lavrei como criança,  
O mesmo arco que antes manejava  
Vencendo o vil tapuia. E a mesma aljava...  
Irei ao campo contra o branco ousado,  
Não tornarei sem ver-lhe castigado

O orgulho. Juro não tornar até  
Que sua tibia seja meu boré.  
A nosso filho dobrarás desvelo.  
Repousa o anjo?"

"Acabo de revê-lo.

Tupá mandou-lhe sono calmo e amigo."  
"Feliz, que durma! Longe está o perigo  
Enquanto de minha mão não escape  
Rompido, sobre o pó, o meu tacape!"  
"E partirás?"

"E partirei, Moema!"

"E morrerás!"

"Não morrerá meu lema!"

"Pois então?"

"Por nosso filho vela!"

"Sem ti? Na mata? Nos perigos dela?  
Em vão. Contigo irei. Na luta ardida  
Na hora em que expuseres tua vida  
Ali estarei. Serei o teu escudo.  
E assim se for, por cúmulo de tudo  
Que tombes sobre o sangue de teu peito...  
Não vais sozinho ao funerário leito  
Porque estarei também já morta!  
Eu juro, e creio que isso te conforta..."  
"E nosso filho?"

"Pois irá comigo!"

"Irás expô-lo aos golpes do inimigo?"

"Irá. Em meio à bulha da refrega  
Verá como é que o herói jamais se entrega..."

"Pois bem, Moema, vem. E se assim for,  
De ver-te escrava não terei a dor.  
Tupá, Deus de bondade que o pajé  
Do branco nos pregou, vê nossa fé.  
É certo que ele vela por nós, se  
Morreu para salvar cada tupi.  
Moema, fosse o branco assim como é  
Bondoso, terno e amável seu pajé!"

Calou-se o índio. Ao chegar-se à porta  
Notou que a tarde há muito que era morta.  
No fundo escuro do céu brasileiro  
Estrelas tremulavam do Cruzeiro.  
Silente deslizava além o rio,  
Sob o agitar do matagal bravio,  
Aos roucos uivos da pantera brava  
Que alguma presa fácil espreitava.  
Mais longe o marulbar do mar. Então  
Em meio à encantadora orquestração  
Ouviu-se um tintinar que parecia  
O grito da araponga ao ir-se o dia!...  
Ab! o homem branco sobre a forja ardente  
Batia os ferros incansavelmente!...

X

No dia crástino ao cair da tarde  
Na hora em que o estelário no céu arde  
Ainda frouxamente, a mata ouvia  
Ritmar a voz, em bárbara alegria,  
Alguém aos tons duma tupi canção:  
"Tupi, raça forte, descansa na clava,  
Mais vale-lhe a morte do que ser escrava!  
Escrava queria-te o branco fazer  
Mas a cobardia não pode valer.  
As armas tomando à planície descí  
Inúmero bando de gente tupi.  
O número, asinba, de quantas ubás  
Da frota que eu tinba, não calcularás.  
Nem quantas igaras que trouxe a remar  
Jamais encontraras na face do mar.  
Um tiro somente de setas que dei  
Toldou totalmente o brilbar do astro-rei.  
Na minha afoiteza colbi de surpresa  
O branco na empresa de os ferros bater.

Tremeu ao alarde, pois vê-se, não arde  
Seu peito cobarde, na chama tupi.  
Estulto, que fazes? As sanbas vorazes  
Manejam tenazes, e forjam grilhões?  
Estás prisioneiro do índio guerreiro,  
Tupi brasileiro, senhor dos sertões!  
O teu desafio da taba ele ouviu  
Armou-se e saiu, te veio buscar.  
Valente soldado, na clava apoiado  
Estou a teu lado disposto a lutar.  
Então não sabias que as hostes bravias  
Das terras invias não sabem fugir?  
Acaso ignoravas que as onças mais bravas  
Se rendem-me escravas, me foge o tapir?  
Pois desembainha a espada, que a minha  
Boré, manhãzimba, troou a canção!"  
E o branco tremendo, imediatamente  
Pediu ao valente, chorou compaixão!  
"Nada há que valer-te, ó raça solerte,  
Cobarde vilão!  
Por que é que batias por noites e dias  
Os ferros então?"  
"Índio, considera que busca-me a fera  
Da mata cerrada!  
Não vês que resume  
O branco a defesa, fiado no gume  
De rígida espada?"  
"Temor também era que tinbas à fera  
Acaso esse dia no qual me insultaste?"  
"Ó índio, sonbaste! Jamais te faria  
Injúria! Jamais!"  
"O índio não mente, cobarde insolente!  
À morte tu irás!  
Lá no alto da serra já o fogo crepita  
Ó raça maldita de víboras más!  
Do canto de morte compõe o poema  
Pois já a tangapema te aguarda de lú!

Então de repente surgiu mansamente  
Cordeiro paciente, do branco o pajé,  
O qual tem idioma que a fúria me doma  
E todo me toma, nem sei como é!  
E o branco fugiu-me à rude vingança.  
Jurou-me submisso é o que me descansa!  
O orgulho quebrei-lhe, calquei-lhe meu pé,  
Zoi-lhe os ouvidos ao som do boré.  
Tão cedo não torna a Iperoig  
Ouvir os caciques do povo tupi.  
Tupi raça forte repousa na clava,  
Mais vale-te a morte do que ser escrava!

Teus feitos valentes do virgem Brasil  
De mil e quinhentos a todos os ventos  
Atroem às gentes do ano dois mil!"

Calou-se então. A noite já enviuvava  
O céu da luz que nosso dia aclara!  
O côncavo celeste, multifário  
Ao longe eletrizava o lampadário  
Dos astros. Lá no sul vivo e fagueiro  
Pousava sobre os mares o Cruzeiro.  
E os ecos dessa voz rouca e selvagem  
Foram ferir das serras a miragem.  
Ouviu-se o som terrível de rugidos  
Que são das onças fúnebres gemidos.  
No leste rutilava em prata o mar  
Picado por espumas e luar.  
Na praia, a sós, um vulto movimentava  
A sombra peregrina, esguia, lenta.  
O índio olhou pensativo a roupeta  
E as lágrimas retendo disse: "Anchieta,  
Anchieta, arcanjo tutelar, sem ti  
Ao branco quem salvara do tupi?"  
E ouviu-se o eco retrucar dali:

"Quem dera que salvasse o meu tupi!"  
Na praia Anchieta suspirava assim...

## XI

Gaiyota alvinitente da confiança  
Que sobre os mares do viver balança,  
Nos mares cuja espuma em longa esteira  
A agitação fervilha e acarneira,  
Gaiyota branca que o sol matutino  
Saúda por primeiro, pequenino  
E branco ponto de asas, sobre os mares,  
Gaiyota branca e pura dos confiares,  
Responde, donde o índio brasileiro,  
Teu vulto enegreceu, antes fagueiro,  
No negro abutre do descaso vão,  
Nas asas vis da despreocupação?  
Por que não sustentou a lança em riste,  
A salvo da esparrela odienta e triste,  
Que o branco armava? Silenciando então  
O ritmo vivo da triunfal canção?  
Estrelas do Cruzeiro, verdes matas,  
Exuberante flora que desatas  
Em cores e perfumes o Brasil,  
Imensa terra, imenso céu de anil,  
Por que é que vossa agitação de amores,  
Esse ondular de aromas e de cores  
Não soube sustentar de pé o tupi,  
Manter de aldrava o canto guarani?  
Ai, fados de meu povo, nobre gente,  
Marcou-te o fim a mão do Onipotente!  
E quando celebravas com orgias  
O teu triunfo e alegre percorrias  
De novo essas florestas encantadas  
O branco temperava o gume das espadas!  
Tua confiança e doida alegria  
Ouvir o tilintar não consentia  
Das forjas... Ignoravas que o tinir  
De claro som, malhava teu porvir!  
(Algemas que atariam a liberdade!)

Confiaste no homem branco, é verdade...  
De novo arqueaste o peito ao ar sadio  
Da mata escura. Nas águas do rio  
Lavaste alegremente a memória  
Cuidados em canções de paz e glória.  
Correste louco, enfeitiçado, o dia  
Gastando na amplidão da mataria.  
Tornaste à luta contra a serra e os mares,  
Silvaram setas coriscando os ares,  
Buscando o dorso do jaguar malhado  
No pascigo a rondar veloz veado.  
De novo balançou a tua ubá ligeira  
Riscando o mar de espuma em alva esteira.  
Falaram os augúreos maracás;  
Mentiram-te afirmando eterna paz!  
Perigos para ti já não temias!  
E louco, na embriaguez das alegrias,  
Frenético em arroubos de entusiasmo,  
Olhava-te a pantera em grande pasmo.  
Imensa e fértil terra, terra boa  
Que as vozes todas sempre bem ecoa!  
Responde aos gritos de esperança,  
Riquezas ao sem sorte meiga alcança,  
Natura que de pródiga até é cega,  
Caminhos tantos tem que se navega,  
Montanhas de esmeraldas e safiras,  
Mansão ideal das mais fecundas liras,  
Ó terra feracíssima, ubertosa,  
Quem é que te não ama se te goza?  
Amou-te o índio e quis-te ardentemente  
Buscou-te livre com ardor demente;  
Tornou a erguer a labareda viva  
Das matas no recesso em noite esquiva.  
As águas azuladas outra vez  
Colheram entusiastas poracês.  
Ouviram as florestas o baquear  
Em roncões feros a onça e o jaguar

Ó terra bela e imensa... e assassina,  
Narcotizaste a raça peregrina!...  
Ai, garça branca dos confiares,  
Encolhe as asas, busca-te outros mares,  
Que branca já não és; funéreo e triste  
O vulto teu não há quem não aviste!...  
Confiar nos homens, ah! meu Deus confiasse  
O índio antes no falcão rapace!...

Alarma, ó gente de mil e quinhentos!  
Alarma, ó povo heróico do Brasil!  
Por que sonhar em tempos tão odientos  
Que bradam por vingança até dois mil?

Venceu porém o branco a luta injusta!  
Venceu provando a sangue quanto custa  
Comprar vitórias sobre heróis.  
A verde Pindorama, campo extenso  
Erguia ao céu os fumos desse incenso  
Que fuma do cadáver dos heróis.  
Nem arco viu-se inteiro nos lençóis  
De sangue. Nem tampouco alguma clava  
Partida que não fosse lhe restava!...  
Porque  
De sul a norte a raça perseguida,  
Rugiu, clamou vingança destemida  
Ao lígubre ulular de seu boré,  
E ardente, épica, esperou de pé!...  
Do côncavo dos vales, das montanhas  
Nos topos de granito, bordas tamanhas  
Baixaram para a praia varonis  
Que pareceu haver tantos brasis  
Quantas estrelas têm no céu fulgor!  
(Que estrelas bem o eram no valor!)  
E o índio combateu. Os peitos nus  
Expôs à espada lusa e o sangue à luz.  
Que importa que morresse? pois que importa  
Viver chorando a liberdade morta?

*Por dias lutou o bravo, dias? que digo?  
Pois anos e mais anos o inimigo  
A areia não pisou senhor de si  
A salvo do tacape ou seta do tupi.  
Buscando apoio nas rudes ameias  
Das serras litorâneas de feras cheias  
De hora em hora acogulando a aljava  
Mais bravo e decidido retornava.*

*E as dumas das areias brasileiras  
Sedentas, ressequidas às soalbeiras  
Beberam borbotões de sangue vivo  
Do peito que morrer onson altivo!  
E o índio vê a tão cruel derrota,  
Seus pagos invadidos, ouve e nota  
Que rola para o solo o maracá,  
A tradição tupi e goianá.  
O branco vê surgir de alta cerviz  
Cantando já a vitória e altivo diz:*

*"Chegou a hora, ó besta das florestas!  
Eu quero que te rendas para que estas  
Montanhas de ouro, e prata e granito  
Pertencam a mim só, a mim, repito."*